MOVIMENTO

Mae Marsh, em "A Rosa Branca", de David Wark Griffith, 1923.

REGISTROS

MAE MARSH

No dia 13 de fevereiro pp., faleceu em Hermosa, a pouca distância de Hollywood, uma da mais antigas personalidades do cinema america-no: Mae Marsh, estrêla de grandes filmes de David W. Griffith. Nasceu em 9 de novembro de 1895, em Madrid, no estado de New Mexico, EUA. Seu verdadeiro nome era Mary Warne Marsh. Em 1906 mudou-se com sua família para Los Angeles, onde sua irmã mais velha, Marguerite Marsh, começou a trabalhar na velha Biograph. Em 1912 Mae Marsh foi contratada pelo mesmo estúdio, estreando num filme de Mary Pickford, sob direção de David Wark Griffith, A Temporary Truce. Com êste mesmo diretor e no mesmo ano, teve o seu primeiro papel de destaque em Man's Genesis, ao lado de Robert Harron, com quem iria contracenar em dezenas de outros filmes. Ainda sob as ordens de Griffith, em 1915, causou tremendo impacto na crítica e no público em O Nascimento de Uma Nação/The Birth of a Nation, e no ano seguinte, em Intolerância / Intolerance, cobrindo-se de glória num papel intensamente dramático no episódio The Mother and the Law, história moderna que Griffith reuniu a mais três, debatendo o tema da intolerância através da História. A sua carreira assinala cinquenta e poucos filmes, distribuídos pelas seguintes emprêsas: Biograph, Mutual (Reliance-Majestic), Epoch, Wark, Triangle (Fine Arts), Goldwyn, Robertson-Cole, Dependable, United Artists, Warner Bros., Vitagraph, Fox Film. Apareceu na Inglaterra (A Woman's Secret, de Wilcox / Herbert Wilcox, Granham 1925) e na Alemanha (Arabella, 1924).

Entre os seus filmes de maior sucesso figuram: Fate, Love in an Apartment Hotel, Judith of Bethulia (1913); Home Sweet Home (em cujo elenco trabalharam quase todos os astros e estrêlas da Matual, como Lillian Gish, Miriam Cooper, Blan-che Sweet, Henry B. Walthall, Ro-bert Harron, etc.), Hoodoo Anne, The Marriage of Molly O, The Wild Girl of the Sierras (1916); A Child of the Paris Streets, The Little Liar, O Grande Circo/Polly of the Circus, Dádiva de Amor/The Cinderella Man (1917); Noivo Traidor/Beloved Traitor, The Glorious Adventure (1918); A Rosa Branca/The White Rose (1923), mais uma vez sob as ordens de Griffith, ao lado de Neil Hamilton, Ivor Novello, famoso ator inglês, e Carol Dempster, então a nova descoberta do grande diretor. Entre 1923 e 1931 seus papéis não estiveram à altura de seu talento, e já não eram de primeiro plano, a não ser Honrarás Tua Mãe/Over the Hill. com direção de Henry King (1931), versão falada de um dos mais sentimentais filmes do cinema silencioso, vivido por Mary Carr.

Desde então até recentemente, apareceu em várias dezenas de filmes em pequenos papéis, pontas ou como simples figurante. Entre êstes muitos de seu grande amigo John Ford: Vinhas da Ira/The Grapes of Wrath, Three Good Fathers, Fort Apache, Asas de Águias/The Wings of Eagles, Rastros de Ódio/The Searchers, Audazes e Malditos/Sergeant Rutledge, Two Rode Together e outros.

Mae Marsh era casada com o antigo jornalista e publicista Louis Lee Arms, com quem celebraria em setembro dêste ano bodas de ouro. Deixou duas filhas, um filho e sete netos. Escreveu dois livros: um em 1921, sôbre a representação cinema-

tográfica, "Screen Acting", e alguns anos depois, outro de poesia. (GS)

CARL TH. DREYER

O cinema perdeu a 20 de março um de seus maiores artistas: o dinamarquês Carl Theodor Dreyer. Quase oitenta anos de vida, apenas treze filmes de longa-metragem. À semelhança de Stroheim, era um gigante inflexível às regras do cinema comercial. Místico autêntico, tinha entre seus projetos um "Cristo" condenado a permanecer no papel, em vista da concepção farisaica que os financiadores de filmes "bíblicos" costumam impor aos temas religiosos.

O gênio dinamarquês também realizou filmes para produtores da Alemanha, França, Suécia, Noruega: Praesidenten (O Presidente), 1919. Opus final: Gertrud, 1964. Criou também filmes curtos, mas na longametragem estêve inativo por longos intervalos jamais perdoáveis aos produtores: uma inteira década entre Tva Mannikor (Dois Sêres), 1945, e Ordet (A Palavra), 1955; nove anos entre êste último, consagrado obra-prima, e Gertrud, recebido com frieza ou hostilidade por muitos críticos.

O autor de Blade of Satans Bog (Página do Livro de Satã), Vampyr (Vampiro), Dies Irae, La Passion de Jeanne D'arc — êste último situado em 4.º lugar, na "enquête" de FILME CULTURA, "As Maiores Obras do, Cinema" (FC-7) — terá sua vida, filmografia e pensamento analisados no "Dossiê" de nosso próximo número. (EA)

ANTHONY ASQUITH

Aos sessenta e seis anos de idade, faleceu em fevereiro último o diretor